

AS UNIVERSIDADES E AS PLATAFORMAS VOD: A EXPERIÊNCIA DA PUC SP

Julio Wainer ¹

Resumo

A recém implantação da plataforma VOD (Video on Demand) na PUC SP, a PUC PLAY (<https://www.pucsp.br/pucplay>), no ar desde 10 de março de 2021, é discutida no âmbito da prática audiovisual da instituição nos últimos 40 anos. São mostradas algumas características tecnológicas da plataforma, opções de design e catalogação, e são comentadas as suas potencialidades, seus limites e restrições. É feito um breve histórico do audiovisual na Universidade, seu contexto histórico e suas práticas originais. Por fim, o conceito de “Arqueologia das mídias” ajuda a perceber a riqueza das publicações, no contexto do pesquisador do audiovisual e aponta os primeiros caminhos de sua utilização pela Universidade.

Palavras-chave: plataforma VOD, história do audiovisual, gêneros audiovisuais, TV PUC SP.

Abstract

The prestigious Catholic University at São Paulo (PUC SP) implements its VOD platform (video on demand) <https://www.pucsp.br/pucplay>. The platform organizes a diverse audiovisuals that includes students films, professional audiovisual productions, lectures, lives and official communications. This articles discuss the uses and meaning for the platform in the way audiovisuals were taught and practised the last 40 years.

Keywords: VOD at the University, teaching audiovisual practices, video in Brazil

Introdução

A plataforma PUC PLAY (www.pucsp.br/pucplay) é uma plataforma VOD (video on demand) que aglutina toda a produção audiovisual relevante da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, do presente e do passado. O leque de publicações abrange: produções de cunho institucional em suas mais diversas instâncias da PUC SP, de seus cursos e de seus programas de pós-graduação; programas de TV acadêmicos; reportagens de todas as naturezas; comunicação institucional dos setores diretivos; podcasts;

produções de alunos em sala de aula; documentários e programas no formato de TCCs (trabalhos de conclusão de curso); e finalmente íntegra de palestras, aulas magnas, debates, lives.

A pesquisa autobiográfica foi o recurso metodológico aplicado ao estudo, junto com a pesquisa bibliográfica e documental, do tipo qualitativa, com recorte de um estudo de caso, utilizando-se do instrumento de relato de experiência, uma vez que este não tem a intenção de propor um argumento final imutável, mas

sim de suscitar uma discussão a respeito do tema, de deixar aberto diálogo para saberes novos e transversais. É uma narrativa de experiência com lugar de fala, tempo histórico, subsidiada por vasto conteúdo histórico que legitime a experiência enquanto fenômeno científico (DALTRO, FARIA, 2019).

O percurso foi baseado nas vivências pessoais e profissionais do autor, conectadas com as oportunidades do audiovisual no Brasil ao longo dos últimos 40 anos. O autor estudou arquitetura

1 | Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica na PUC SP. Professor do Depto de Comunicação desde 1989. Diretor da TV PUC SP. E-mail: jwainer@pucsp.br

ra e urbanismo da FAU USP e, numa trajetória nada incomum naquela escola, passou a dedicar-se à produção de vídeos no início dos anos 1980. Ligou-se ao movimento conhecido como Vídeo Popular que, por sua vez, era uma variante da Produção Independente (o nome vem da diferenciação com as emissoras de TV, praticamente os únicos produtores de imagens eletrônicas de então).

Na PUC SP o autor entrou como funcionário técnico em 1984 e em 1989 tornou-se docente. De volta do desfrute de uma Bolsa Fulbright nos Estados Unidos criou a primeira versão da TV PUC, que funcionava como circuito interno de TV. Em 2006 retoma a direção desse setor, que nesse meio tempo assumira um perfil mais amplo. Desde então acumula a direção da TV PUC de SP com aulas de graduação do curso de jornalismo. Fora da universidade, geriu produtoras de vídeo próprias e tornou-se sócio-diretor da Academia Internacional de Cinema (www.aicinema.com.br).

A plataforma PUC PLAY foi desenvolvida pelo Departamento de Tecnologia de Informação da PUC SP e permite até quatro programas ao vivo simultaneamente, com destaque no “carrossel” que abre a página (Figura 1). Os programas ficam alojados no YouTube, sendo a plataforma PUC PLAY na verdade mais uma “janela” de exibição. Institucionalmente, a PUC PLAY está sob gestão da TV PUC, com um intenso diálogo com outros setores da universidade, como a Reitoria, os cursos de graduação, a Assessoria de Comunicação Institucional e os laboratórios de vídeo, rádio e fotografia, que guardam a produção acadêmica desde 1979.

Figura 1 - Carrossel inicial da plataforma PUC PLAY e a primeira página do menu



As categorias na página de entrada da plataforma são: Ao Vivo, Institucional, Trabalhos de Alunos, Memória PUC, Reportagens, Programas, Podcasts, Palestras/Eventos. (Figura 1) Criamos estas categorias a partir da experiência com nosso acervo diverso e difuso, assumindo como normal a eventual duplicidade de alocação de programas, bem como migrações de uma categoria para outra. Por exemplo, uma vez encerrados os programas “ao vivo” são encaminhados para “palestras/eventos” se forem para aulas, debates ou entrevistas sem formatação específica; ou enviadas para “programas” as lives formatadas como programas de TV (com duração e dinâmica pré-estabelecidos). Quanto à duplicidade, um arquivo pode pertencer tanto à categoria “Trabalho de alunos” como “Memória PUC”, por exemplo.

A ordem dos programas dentro de cada categoria acompanha a data de publicação, e não a data do evento. Na época de implantação da plataforma isso se torna um desafio pois para o consulente a ordem dos programas antigos

distribuídos na página parecerá aleatória. Mas a partir do momento em que a plataforma estiver atualizada com todo o histórico de programas e for alimentada somente pelas últimas publicações isso deixará de ser uma questão. Vale ressaltar também que criar um thumbnail para cada publicação passou a ser uma preocupação e um esforço à parte.

Os programas da TV PUC e a Plataforma

A PUC SP tem uma linha de trabalho, a PUC FAZ TV, onde todo professor da Universidade pode ter seu programa de TV, preferencialmente articulado com o Departamento a qual está ligado, Programa de pós-graduação ou Núcleo de Pesquisa. Em funcionamento desde 2007 a TV PUC SP hoje tem programas de ciência e assuntos correlatos (Nova Stella), orientação profissional (Desafio: Profissão), relações internacionais (Terra em Transe), exposições de



arte (Articulando), fisioterapia (Fisiochat) e psicologia e educação (Um Fato Duas Visões) além de administração (Histórias Empresariais). Alguns projetos sentiram o impacto do recolhimento durante a quarentena, mas aos poucos se adaptaram à realidade da plataforma. Hoje estão todos praticamente de volta, com as vantagens e desvantagens que todos conhecemos. Do lado positivo, temos facilidade de acesso aos debatedores, em todo o mundo, sem problemas de deslocamentos, tempo e despesas. Por outro lado, os programas todos perderam suas identidades visuais específicas e passaram a ter a mesma aparência. Apresentam, com maior ou menor grau, problemas de oscilação na qualidade da imagem e do som. Os programas da TV da série PUC FAZ TV foram originalmente formatados para inserção no Canal Universitário de São Paulo (canais 11 da NET e 10 da VIVO na cidade de São Paulo) e tem 28 minutos cada.

Não existe um regime de produtividade para esses programas. Cada equipe de professores produz o quanto pode, e as séries anuais passaram a ser chamadas de temporadas. Além de exibição na TV a cabo – Canal Universitário de São Paulo, CNU SP (THOMAZ, 2007), eles permanecem disponíveis na plataforma PUC PLAY, no website da TV PUC e, também, em playlists do canal YouTube da TV PUC. No canal da TV a cabo lança-se mão de reprises para preencher os horários semanais. Apesar de não haver exigência de produtividade fica explícito que quanto mais se produz, mais a cresce a visibilidade média de cada programa, em toda a cadeia produtiva. Em outras palavras, o fato da série “Desafio:

Profissão” estar em atividade, produzindo programas novos com regularidade, retroalimenta a visibilidade de programas publicados há cinco ou dez anos atrás, e crescem os números de todo o conjunto.

Quando operávamos na forma presencial gravávamos em um só período dois ou mais programas, otimizando equipe e cenário. Agora, nas plataformas de streaming essa lógica não se aplica mais.

A diversidade na produção audiovisual da PUC SP

Os menus da plataforma PUC PLAY acompanharam experiência do audiovisual acumulada na PUC SP, que remonta a 1979, início da operação do Curso de Jornalismo. Foi no entorno desse curso que se desenvolveu um setor de audiovisual com equipamentos, funcionários e procedimentos específicos. Mais tarde juntaram-se os cursos de Publicidade e de Comunicação em Multimeios. A PUC SP jamais teve cursos específicos do audiovisual, tais como Cinema ou o antigo Rádio e TV. Na pós-graduação, o Programa de Comunicação e Semiótica também percebeu e valorizou as expressões audiovisuais de forma particular.

É interessante observar que a implantação do curso de Jornalismo é coincidente com a chegada do vídeo no Brasil, onde a fita magnética se colocou como alternativa ao filme. Isso fez com que o setor

engrossasse as fileiras do suporte eletrônico, em competição com o suporte fotoquímico (hoje ambos superados pelo digital). Quem viveu essa época deve se lembrar que havia grupos que “filmavam”, muito diferente daqueles que “gravavam”. Errar o verbo seria motivo de reprimenda, certamente. As especificidades da imagem eletrônica eram esmiuçadas pelo professor Arlindo Machado (MACHADO, 1988), enquanto o professor Gabriel Priolli debruçava-se na história da TV brasileira e entusiasmava os alunos com a estética e a política do vídeo independente.

Professores atuantes no meio profissional, alunos que percorriam as principais TVs e centrais de produção, acadêmicos do audiovisual, produtoras de vídeo saídas do curso de jornalismo e, mais recentemente, do curso de Comunicação em Multimeios compuseram esse caldo de cultura. Parte do sucesso do audiovisual na PUC SP atribuo ao reconhecimento e valorização das diversas formas de expressão comunicacional, além da jornalística: a videoarte, a musical, a performática, a incursão ficcional e híbridos envolvendo duas ou mais dessas formas do audiovisual. Chamávamos “vídeos” a todas essas manifestações, independente de classificações como “ficção”, “documentário” ou “experimental”.

Outra característica da PUC SP foi que desde seu início os Laboratórios confiavam os equipamentos para retirada dos alunos, e seu uso autônomo fora do campus, inclusive nos finais de semana. Tratava-se de uma opção operacional, com rebatimentos na dimensão técnica e política do papel do manuseio de

política do papel do manuseio de equipamento pelos universitários. Envolvido que estive com os laboratórios da PUC SP desde 1984, percebia que outras universidades somente permitiam o manuseio dentro de estúdios. Outras, quando possível (e era raro) destacavam um técnico para acompanhar as equipes e operar os equipamentos nas locações, depois de um “roteiro” pré-aprovado pelo professor, na prática inviabilizando a atuação do aluno diretamente na exploração do registro de imagens, suas variações experimentais e exploração criativa.

Isso resultou em uma produção muito ampla, inventiva e diversificada. O acervo do Laboratório de Vídeo da FAFICLA (Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes) tem vídeos que remontam aos anos 1980. Isso foi praticado nos últimos 40 anos e está tudo devidamente catalogado. Devem estar disponíveis na plataforma brevemente.

Essa produção, feita com equipamento precário, por pessoas com uma formação não mais que inicial poderiam, em algum contexto, serem consideradas de “baixa qualidade”. Isso é parcial e não encerra sua relevância e atualidade. Na verdade, sua materialidade indica uma forma diferente de olhar o audiovisual. São produções interessantes por outras razões. E sua apreciação requer, sim, uma sensibilidade diferenciada. O desfrute desse acervo passa pela capacidade do pesquisador de se colocar na posição dos estudantes há 30 ou 40 anos atrás, compreender as ferramentas precárias, mas intensamente utilizadas no laboratório estudantil e o próprio universo

audiovisual de então.

Passa, portanto, pela capacidade de discernir a aquisição de linguagem audiovisual que foi se instalando na estética e na ética do estudante de jornalismo no Brasil dos anos 1980 e 1990. Quando se deixou de filmar um longo plano-sequência para decupar a ação? O que/como eram os “planos de corte”? Como editar quando o equipamento disponível eram dois videocassetes “de mesa”, com codificação “n linha”, e onde cada corte era invariavelmente iniciado por um disparo colorido que atravessava de cima a baixo da tela? Cor, aliás, podia ser algo raro que eventualmente ciscava em algum momento do vídeo, poucas, pobres e borradas.

História e Memória

Mas além das questões técnicas e de linguagem a pesquisa na plataforma vale também pelo conteúdo histórico. Onde estava o foco dos estudantes nos anos 1980? E nas décadas posteriores? De que maneira se mostra o olhar de uma época no manejo da câmera, na condução da entrevista? Isso se aplica aos “vídeos” de estudantes (tal como se chamava na época) mas também ao da própria produção profissional da TV PUC, que se iniciou como tal a conhecemos em 1997.

Como decorrência da Lei do Cabo, de 1995 (atualizada depois como Lei do Serviço de Acesso Condicionado, Lei Federal 12.485 de 2011), a TV PUC passou de um setor recém implantado de distribuição de sinal por cabo dentro do

campus principal para articular e ocupar um canal de TV dentro do espectro da TV paga dentre os canais obrigatórios, que eram acessíveis à toda cidade de São Paulo. A novidade causou impacto no horizonte de diversificação da televisão e programas foram criados com pensamento universitário e formatação de TV segmentada. Nesse momento serão outras as perguntas a serem feitas ao material audiovisual. Como se estruturava os Diálogos Impertinentes, programa com o Prof. Mário Sérgio Cortella, que marcou época na TV Universitária brasileira? Existia público presencial? Qual a importância de ser “ao vivo”. Como foi o Congresso da SBPC de 1998, 20 anos depois da histórica SBPC de 1978 que qualificou a categorias dos cientistas na frente de combate à ditadura militar?

São camadas sobre camadas de história que a PUC SP atravessou e registrou, ao seu modo, na produção audiovisual de estudantes e de profissionais. Um recorte crítico apurado pode ser alcançado pelo enfoque dado pela Arqueologia das Mídias (ELSAESSER, 2018), que procura, entre outras coisas, olhar os filmes não apenas como obras em si, mas como indicadores de uma época, sua mentalidade, as maneiras com que a produção se organizava e a potência de suas ferramentas e circunstâncias de exibição.

O curso de referência era o Jornalismo, mas a produção audiovisual sempre foi muito mais diversa daquilo que se conhece como tal, como já dissemos. Hoje o desafio é estabelecer um critério para essas categorias na plataforma PUC PLAY. Perfis, memória, micronar-

PLAY. Perfis, memória, micronarrativas, intervenções filmadas, repórteres fora do padrão, videoarte, inflexões dessas e outras variantes podem ser encontradas na produção dos estudantes e estarão em breve na plataforma.

Desafios da plataforma

A plataforma (Figura 2) mal se iniciou e se colocam desafios já nas primeiras publicações. Como classificá-las? Como absorver o crescimento numérico exponencial de algumas categorias (lives, por exemplo) ao mesmo tempo que outras permanecem com o mesmo número de programas (como nas séries descontinuadas)? Como fazer com que os interessados encontrem o que procuram, tendo em vista tanta diversidade?

espaço para antigas séries (e estamos falando de ao menos 25 anos de produção profissional ininterrupta) jamais dará conta do caminho que o consulente irá percorrer. A lógica, valoração e critério de organização jamais serão os mesmos daqueles que publicam e daqueles que consultam. O setor é novo e os procedimentos de catalogação consolidados só virão com o passar do tempo.

Ainda que um diálogo com a biblioteca central da PUC foi aberto, com vistas a uma possível aproximação catalográfica, a solução mais eficaz parece estar na indexação de diferentes palavras-chave para cada publicação que trabalhará em conjunto com um mecanismo de busca cada vez mais apurado.

mente. A filmagem era generalizada, liberada sem obstruções, pois sabia-se que, no final, poucos a veriam. A utilização “só será visto na faculdade” era pretexto para tudo. Hoje, com formas instantâneas de viralização na Internet, o panorama mudou. Como reagirão pessoas frente às suas imagens de muitos anos atrás? Como ficarão outros “direitos” (de imagem, fonográficos, de criação, etc.) perante exposição pública, ainda que tempos depois?

Acreditamos que não se pode pensar em pensamento universitário sem a linha da história e seus produtos culturais. Portanto uma autorização ampla para publicação aberta dessa natureza pode ser uma solução jurídica para exposições sem fins lucrativos, e sem qualquer rentabilização.

Figura 2 - Dentro da categoria da plataforma, permanece o desafio de thumbnails rapidamente identificáveis e a organização cronológica rigorosa.



Para nós está cada vez mais claro que, ainda que uma classificação inicial seja necessária, o caminho mais eficaz é por ferramentas de busca. Pois a criação de páginas mais páginas de menus, abrindo

Outro desafio diz respeito aos direitos autorais. No passado, e isso funcionava até há pouco tempo, não havia o “Termo de Cessão de Imagem” a ser assinado pelo entrevistado. Também se usava música de CDs, ou de LPs indiscriminada-

Por fim, é importante mencionar que nestes anos em que as televisões pagas (cabo, acesso condicionado) assistem à diminuição do número de assinantes à monta de 5% ao ano, plataformas como a PUC PLAY tornaram-se alternativas.



Para a PUC SP, enfim, a plataforma PUC PLAY é mais uma oportunidade de compartilhamento e, em especial, de reunião de toda a produção audiovisual universitária em um só endereço.

E para as TVs Universitárias, a experiência da PUC PLAY pode contribuir para novos estudos e desenvolvimento de projetos de vídeos sob demanda, como parte da evolução tecnológica e dos canais de comunicação das instituições, bem como de ampliação de ofertas de conteúdos e interação com os diferentes públicos que atende.

REFERÊNCIAS

DALTRO, Mônica Ramos, FARIA, Anna Amélia de. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29726> Acesso em: 21/03/2021.

ELSAESSER, Thomas. Cinema como Arqueologia das Mídias, SESC, 2018

MACHADO, Arlindo A Arte do Vídeo São Paulo, Brasiliense, 1988

THOMAZ, Daniel (org.) CNU A Universidade que Você Assiste há 10 anos São Paulo, edição independente, 2007